

## Redescrições do Pragmatismo: O Pragmatismo Retórico

Narbal de Marsillac<sup>7</sup>

**RESUMO:** Cada vez mais tem ficado clara a relação de proximidade que se pode verificar entre o Pragmatismo e a Retórica Clássica, o que Schiller, no início do século passado, com o advento do então recente movimento americano, ousou chamar de *pragmatismo retórico*. Vários são os autores que têm procurado mostrar que ambos se encontram e se revitalizam mutuamente, na medida em que a arte da persuasão não pode ser pensada sem o caráter eminentemente pragmático dos resultados concretos esperados sobre um determinado auditório, muito menos uma reflexão que parte do chamado princípio pragmático, onde são as consequências práticas que guiam as idéias e não o contrário poderia desprezar a retoricidade do discurso. Em ambos se percebe a mesma ruptura com uma concepção meramente teórica da filosofia ainda preocupada com a fundamentação das teses postuladas, partindo do princípio que são as crenças, bem alicerçadas em razões, que devem guiar as ações, crendo ser possível encontrar esquemas praxeológicos em geral para o agir. Na perspectiva pragmático-retórica, é o agir ou o *movere* dos antigos que guiam as crenças e, portanto, não há a preocupação com verdades definitivas, mas esforço em encontrar instrumental aplicável a problemas variados e concretos, próprios de cada situação efetiva. Neste sentido, o pluralismo é regra e, por conseguinte, a tolerância, a única exigência ética passível de ser sustentada por todos. O presente trabalho visa refletir sobre as consequências desse encontro entre o muito antigo e o que ainda pode ser considerado como recente, ou seja, da tradição retórica com a tradição pragmatista, e como o princípio que rege esta última e as diferentes estratégias argumentativas podem se preencher mutuamente.

Palavras-Chave: Pragmatismo – Retórica – Sofística – Persuasão – Humanismo

**ABSTRACT:** It has become increasingly clear the relationship of proximity that can be seen between pragmatism and classical rhetoric. Schiller, at the beginning of last century, with the advent of the recent american movement then, dared to call *rhetorical pragmatism*. There are several authors who have tried to show that both revitalise each other mutually, insofar as the art of persuasion cannot be thought without the eminently pragmatic character of concrete results expected over a particular auditorium, on other hand, a reflection that come from the so-called pragmatic principle, according which are the practical consequences that guide the ideas and not the opposite, could discard the retoricity of the discourse. In both we can realize the same gap between a theoretical conception of philosophy, worried about the rational foundations of the postulated theses, assuming that the beliefs, based on reasons, should guide the actions, believing that praxiological schemas can be found. In pragmatic-rhetoric perspective, the act or the *movere* that guide the beliefs and so there is no worry about definitive truths, but effort in finding instrumental apply to solve varying and concrete problems, specific to each situation effectively. In this sense, the pluralism is the rule and, therefore, tolerance, the only ethic requirement that can be sustained by everyone. This work seeks to reflect on the consequences of this meeting between the very ancient and what can still be regarded as recent, i.e. rhetoric tradition with the pragmatist tradition, and how the principle that governs this last one and the different argumentative strategies can help each other.

---

<sup>7</sup> Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da UFPB

*Keywords:* Pragmatism – Rhetoric – Sophistry – Persuasion – Humanism

## 1) Introdução

Desde a chamada viragem retórica (*rhetorical turn*) da segunda metade do século XX que resgata, com o esgotamento do modelo cientificista tradicional e a paulatina retomada de consciência do estranhamento metodológico das ciências do espírito, um lugar de destaque para a arte eminentemente grega de persuadir através do discurso<sup>8</sup>, o ocidente tem acompanhado uma redignificação do ensino e da prática retórica. Várias entidades no estrangeiro e, muito recentemente, no Brasil<sup>9</sup> se formaram ou foram constituídas com o fim de centralizar, de forma mais eficaz, o crescente interesse pela temática. Colóquios, seminários e cursos em geral foram e têm sido organizados, o que possibilita aos pesquisadores, cada vez mais, a troca de informações e perspectivas nesta área.

Mas atrelado ao espírito que motivou o surgimento, na antiguidade, da arte de persuadir, encontrava-se também aquela mesma preocupação, de cunho pragmatista, com os resultados do discurso, porque persuadir é mover o persuadido e levá-lo a fazer algo. Bem diferente do convencimento lógico, a persuasão retórica só se dá quando efetivamente se faz fazer através do discurso. Alguém pode até estar convencido, mas não se deixa persuadir e, portanto, não age de acordo com o que se quer que ele queira. Para os rectores antigos, não bastava debater a consistência lógica das ideias se tal debate não gerasse resultados efetivos. Daí se falar de um verdadeiro pragmatismo retórico ou de uma retórica pragmatista. Ou seja, da mesma forma que a retórica clássica, o movimento pragmatista americano, sob suas mais diferentes facetas, defende que nossas ideias visam ações e são determinadas por estas últimas. Significa dizer que, desde seu início com a publicação de “How to make our ideas clear” de Charles Sanders Peirce<sup>10</sup> em 1878, o chamado princípio pragmatista foi se delineando como matriz primeira e última que vai passar a forjar

---

<sup>8</sup> Gadamer, H. Verdade e Método. Vol. II. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis. Ed. Vozes, 2002. P.338, in verbis: “na realidade, uma cultura que confere à ciência um posto de liderança, estendendo-o, portanto, à tecnologia nela fundamentada, nunca poderá penetrar no âmbito mais amplo que engloba a humanidade como entorno humano e como sociedade. A retórica e a hermenêutica ocupam um lugar indiscutível e global nesse âmbito mais amplo”. Cf. Também Apel. Transformação da Filosofia: Filosofia, Semiótica, Hermenêutica. Trad. Paulo Astor Soethe. São Paulo. Ed. Loyola, 2000. P.24

<sup>9</sup> <sup>3</sup>A Sociedade Brasileira de Retórica foi constituída a partir do I Congresso Brasileiro de Retórica, ocorrido em setembro de 2010, na cidade mineira de Ouro Preto, como fruto direto das I Jornadas Latinoamericanas de Investigación em Estudios Retóricos, ocorrido, por sua vez, na cidade de Buenos Aires, em março de 2010, onde havia sido já criada a Sociedade Latinoamericana de Retórica. A criação dessas entidades segue o exemplo americano bem sucedido: a Rhetoric Society of America e a International Society for the History of Rhetoric. Cf. Mailloux, S. Rhetoric, Sophistry, Pragmatism. Cambridge University Press, 1995. P.1

<sup>10</sup> Peirce, C.S. How to make our Ideas Clear. New York. Vintage Books, 1997

inúmeras reflexões e novas soluções para antigos problemas em diversos campos. Inaugurado como um método de clareza<sup>11</sup> ou como um método de agregar maior clareza ao pensamento, o pragmatismo incorporou e se apropriou de toda a tradição filosófica, encontrando-se a si mesmo ora em argumentos racionalistas, ora nos do empirismo, ora no idealismo, ora no realismo, etc<sup>12</sup>. Cabe a ele agora encontrar-se também na arte antiga da persuasão e sorver, com isso, dos benefícios deste recente interesse pela retórica que vem sendo suscitado nos últimos anos.

## 2) Breve História da Retórica

A técnica de persuadir mediante o discurso<sup>13</sup> surgiu, segundo alguns, vinculada aos processos judiciais em torno do direito de propriedade na Sicília, por volta do ano 485 a.C<sup>14</sup>, após o levante democrático contra o tirano Trasíbulo de Siracusa e visava reconquistar, sem violência e com muito diálogo e consenso, o status quo que teria vigorado antes das expropriações injustas de grande parte da população. Com isso, inicia-se uma cultura democrática devotada à oratória<sup>15</sup>. Emergia, assim, um povo que cultua o poder-discorrer, que dá ao bom orador o domínio absoluto sobre toda uma multidão, mas que para tal dependia de um povo educado retoricamente<sup>16</sup>, ou seja, um povo que paulatinamente passa a apreciar e ser capaz de se encantar com o discurso, aprendendo a sorvê-lo como quem tem tempo, sem pressa, como quem aprecia as nuances próprias da arte<sup>17</sup>. Neste sentido, a retórica, desde sua origem, esteve sempre vinculada ao direito e à política<sup>18</sup> e priorizava mais o verossímil do que o propriamente verdadeiro. O primeiro tratado sobre eloquência, como também era conhecida, foi escrito por Córax e Tísias, no ano de 465 a.C. Hoje diz-se de um argumento ser do tipo córax quando se refuta a verossimilhança de uma tese justamente pelo excesso de verossimilhança. Parece contraditório, mas é um argumento muito comum e poderoso, como quis Aristóteles: *“na retórica, a fraude provém de o verossímil não o ser absolutamente, mas só de*

---

<sup>11</sup> Idem.p.27

<sup>12</sup> James, W. Pragmatism: a New Name for some Old Ways of Thinking: The Present Dilemma in Philosophy. In: Pragmatism and Other Writings. New York. Penguin Books, 2000. P.11

<sup>13</sup> Vico, G. Elementos de Retórica. Madrid. Editorial Trotta, 2005. P.112, *in verbis*: “Retórica es la facultad de hablar aplicada a la persuasion”

<sup>14</sup> Barthes, Roland. La Retorica Antica: Alle Origini del Linguaggio letterario e dele Tecniche di Comunicazione. Trad. Paolo Fabri. Milano. Libri e Grandi Opere, 1972. p.13

<sup>15</sup> Nietzsche, F. Da Retórica. Trad. Tito Cardoso. Lisboa. Ed. Veja, 1995. P.79

<sup>16</sup> Idem. P.80

<sup>17</sup> Ibidem. P.82

<sup>18</sup> Op.Cit.1972. p.13

maneira relativa. *É deste lugar que se compõe a arte de Córax*<sup>19</sup>. Com isso, marca-se a passagem da fase da eloquência natural à arte retórica propriamente dita, deixando de ser um discurso restrito aos deuses ou semideuses ou, ainda, aos poetas inspirados por musas divinas, mas aberto a todos os que tinham algum interesse na defesa de alguma causa e que para tal, dependiam da anuência de um auditório. Neste contexto, surgiram grandes rectores como Protágoras e Górgias que refutavam a validade absoluta da verdade e defendiam o poder das provas (*pisteis*) ditas emotivas, ou seja, que mobilizavam o aspecto emotivo do auditório, através do seu encantamento, levando-o a chorar ou rir, a desprezar ou venerar, conforme as conveniências dispunham.

Naquela época, não havia propriamente uma distinção entre filósofos e rectores<sup>20</sup> e filosofia consistia, na verdade, em ensino e formação da *psyché* para a vida em sociedade, contrapondo-se à ginástica que atentava para o corpo, como defende Schiappas: *“Filosofia prepara a psyché assim como a ginástica prepara o corpo. A meta do ensino de Isócrates, logon paideia, é preparar líderes de alto valor moral para providir o conselho e ajudar nos problemas de importância cívica”*<sup>21</sup>. Neste sentido, o significado de filosofia não vinha dissociado de retórica ou de sofística, e o divórcio ocorreu, na verdade, a partir de uma interpretação especificamente de Platão<sup>22</sup> que, em fazendo assim, visava separar o que ele ensinava daquilo que os outros sábios e professores de sua época faziam. Schiappas, numa outra obra, vai chegar a sustentar a tese segundo a qual foi o próprio Platão que teria inventado o termo “retórica” como uma técnica oratória de dissociação<sup>23</sup>, o que os romanos chamavam de *distinguo*<sup>24</sup>. Aristóteles, por sua vez, encontrou um espaço, em seu sistema, para a arte da persuasão. Sua obra sobre o tema consistiu no primeiro tratado sobre o assunto que conhecemos. Nele, o estagirita vê a importância de se conhecer tal arte e a define como o que nos permite saber o que, em cada caso concreto, pode ser mais persuasivo<sup>25</sup>. Descreve os gêneros, as provas, os lugares,

---

<sup>19</sup> Aristóteles. Arte Retórica. Trad. Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo. Edipe, 1959. P.183. V. também Barthes. Op. Cit. P.14

<sup>20</sup> Schiappa, E. Isocrates’s Philosophia and Contemporary Pragmatism. In: Rhetoric, Sophistry and Pragmatism. Cambridge University Press, 1995. P. 45. In verbis: *“O público ateniense não fazia distinção entre filósofos e sofistas”*.

<sup>21</sup> Idem. P. 47

<sup>22</sup> Ibidem.p.48

<sup>23</sup> Schiappas. Protagoras and Logos: a Study in Greek Philosophy and Rhetoric. University of South Carolina Press, 1991. P. 39

<sup>24</sup> Curiosamente, foi o próprio W. James, um dos principais representantes das primeiras aparições do Pragmatismo, que fez referência a esta técnica retórica muito apreciada ao longo da escolástica, dizia ele: *“Sempre que for encontrada uma contradição deve-se fazer uma distinção”*. Cf. in James, W. What Pragmatism Means. In: Pragmatism and Other Writings. New York. Penguin Group, 2000. P.24

<sup>25</sup> Aristóteles. Arte Retórica. Trad. Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo. Difusão Européia do Livro, 1959. P.24

as partes do discurso. Suas reflexões sobre o tema vão influenciar grande parte da tradição que se segue, como as reflexões geniais de Cícero e Quintiliano.

Com o fim do império romano, a retórica foi, cada vez mais, sendo dissociada do seu aspecto propriamente argumentativo e ficou restrita às figuras e boas formas do discurso, o que Gerard Genette chamará de “retórica restrita”<sup>26</sup>. Esse movimento de limitação da retórica às boas formas dos discursos vai se intensificar com a concepção racional cartesiana que vê com desconfiança e desprezo toda tese sobre a qual paira a dúvida. Significa dizer que só pode ser qualificado como racional, em termos precisos, o que for objeto de demonstração similar à da matemática e da geometria. Assim, as ideias claras, distintas e evidentes são todas verdadeiras e não cabe a ninguém debatê-las. Neste sentido, negligencia-se, com o tempo, a reflexão sobre os meios de persuasão que haviam sido objeto de veneração e admiração do mundo grego antigo. A dignidade da ciência não poderia ser furtada pelas meras opiniões prováveis ou *topoi* aristotélicos. A apodicticidade é a regra e o caráter dialético de um raciocínio tende a ser desprezado, forjando, nestes moldes, todo o espírito de uma época, com seus critérios rígidos de cientificidade, inspirada numa concepção mecanicista de mundo. O conhecimento, assim, passa a repousar, como o quis Eugène Dupréel, sobre a base da necessidade<sup>27</sup>. Apesar de esforços isolados e sem muita repercussão efetiva no sentido de resgatar alguma dignidade para a retórica<sup>28</sup>, foi tão somente nos dias atuais que os estudos retóricos vêm sendo retomados e ganhando força. Um dos principais representantes deste movimento de resgate da antiga retórica foi certamente Chaim Perelman.

Para este autor, nascido na Polônia e que viveu grande parte de sua vida na Bélgica, não se pode provar por demonstração a validade dos valores, ou seja, se uma determinada atitude é justa ou injusta, se se deve ou não pagar tributos, etc. O que o levou a procurar superar uma tradição cartesiana que simplesmente desconsiderava os juízos de prudência (*phronesis*) sobre temas

---

<sup>26</sup> Em paper publicado em 1970 intitulado “La Rhétorique restreinte”, Gérard Genette, denunciava a restrição crescente que a retórica sofre desde o início da Idade Média, o que coincidiu, em Roma, com o desaparecimento das instituições republicanas e que produz, já na Idade Contemporânea, o movimento oposto de ampliação incessante de consideração dos espaços alcançados pela retoricidade, uma vez que “se hoje temos tanto para generalizar é evidentemente por termos antes restringido de forma demasiada”. E é justamente essa retomada, amplificação e redignificação dos alcances da retórica que Perelman, inspirando-se em Genette, chamou de império retórico. Todo discurso que visa persuadir e convencer depende da retórica e restringi-la às figuras ou ao estilo é perder de vista que a elocução intentada pelo rector, mais do que mero ornamento ou embelezamento do discurso, tem por finalidade o *movere*, a *applicatio* ou, simplesmente, a *actio*, suscitando, assim, a mudança efetiva da perspectiva valorativa por parte do auditor. Cf. Gérard Genette. La Rhétorique Restreinte. In Communications n.16. 1970. P.158. V. também Perelman. O Império Retórico. Trad. Rui Grácio. Lisboa. Ed. Asa,1977. P.17

<sup>27</sup> Dupréel, E. De la Nécessité. In: L’homme et la Rhétorique. Paris. Méridiens Klincksieck, 1990. P.18

<sup>28</sup> Basta acompanhar a própria repercussão tímida que teve, em sua época, a excelente obra de Giambattista Vico sobre o tema. V. Vico, G. Elementos de Retórica. Madrid. Editorial Trotta, 2005

variados, seja no campo da política, do direito ou da moral. Neste sentido, Perelman recorreu à antiga retórica como meio de se chegar a um acordo sem o uso da força ou da violência e, ao mesmo tempo, manter-se no campo da razão. Dizia ele que entre o racional (apodíctico) e o irracional (arbitrário) havia um mundo de razoabilidade, privilegiando, assim, o campo opinativo antes desprezado pela tradição que remonta a Parmênides<sup>29</sup>. Neste sentido, em sua obra principal, Tratado da Argumentação, Perelman recupera uma noção de acordo ou consenso, cara para a tradição retórica e desprezada pelos diferentes positivismos que vai influenciar grande parte dos pensadores contemporâneos, como Apel e Habermas. Segundo a ótica cartesiana, se dois interlocutores divergem sobre algo, um dos dois têm que estar errado. Significa dizer que, para Descartes, é sempre possível descobrir ideias claras e distintas sobre diferentes assuntos que, na medida em que são evidentes, são nesta mesma medida constringentes e oponíveis *erga omnes*. Não havendo espaço para acordos ou consensos sobre os temas objetos de controvérsia. Para Perelman, pelo contrário, todo discurso é adaptado a um auditório particular que o orador/rector crê como universal. Ou seja, ele adequa a sua fala/escrita ao que ele mesmo idealiza como assembleia hipercrítica composta de todos os ouvintes razoáveis<sup>30</sup>. Não que precise existir realmente este auditório, mas todo falante se dirige a um ou mais ouvintes pensados por ele como capazes de seguir sua exposição e de lhe conceder adesão, na proporção em que este se adapta às premissas daquele. Daí advêm a noção de auditório universal perelmaniano que vai postular a tese da universalidade retórica acompanhada por outros teóricos, como resumiu bem Gadamer: “*A ubiquidade da retórica é ilimitada. Graças a ela a ciência se socializa na vida*”<sup>31</sup>. Com isso, o que se viu foi uma reabilitação magistral da retórica e da argumentação que fornece as bases de sustentação para as novas metodologias das ciências humanas e que suscita concomitantemente um novo olhar para o mundo e para as relações humanas.

### 3) O Pragmatismo Retórico

As bases mais remotas do chamado Pragmatismo Retórico<sup>32</sup> (*Rhetorical Pragmatism*) parecem ter sido lançadas primeiramente pela referência de W. James à doutrina *anthropos metron*

<sup>29</sup> Perelman, Chaim. De l'Évidence en Métaphysique. In: Le Champ de l'Argumentation. Bruxelles. Presses Universitaires de Bruxelles, 1970. P.55. In verbis: “*Desde Parmênides, a metafísica clássica se apresenta como um saber absoluto, independente de toda contingência, de toda subjetividade e de toda história, oposta às opiniões inconsistentes e variáveis*”

<sup>30</sup> Cf. Perelman, C. Tratado da Argumentação. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 2002. P.34

<sup>31</sup> Gadamer, H. Retórica, Hermenêutica e Crítica da Ideologia. In: Verdade e Método. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis. Ed. Vozes, 2002. P.276

de Protágoras (*human-measure maxim*) e pela crítica de Jean Bourdaux<sup>33</sup> ao texto “The Meaning of Truth” daquele pensador americano<sup>34</sup>. Se o sentido depreciativo da crítica do jornalista francês ao suposto relativismo de James estava claro no início do século passado, com a *rhetorical turn*<sup>35</sup>, como ficou conhecida a revalorização da antiga arte da persuasão, o teor pejorativo paulatinamente tem se dissipado e, cada vez mais, compreende-se que, numa perspectiva anti-metafísica e anti-fundacionalista, o caráter daquilo que se postula é, com raríssimas exceções, argumentativo, com finalidades práticas/persuasivas bem definidas e restritas a auditórios sempre particulares. Neste sentido, fica mais claro perceber que da mesma forma que se interpretou negativamente a antiga arte retórica, o mesmo olhar equivocadamente foi igualmente dirigido contra o pragmatismo do início do século, considerado, então, como um relativismo cético próprio de neosofistas despreocupados com a verdade<sup>36</sup>.

Ferdinand Scott Schiller parece ter sido o mais completo escritor sobre o encontro entre a cultura clássica, sobretudo do século V, e o então recente pragmatismo. Em seu ensaio “From Plato to Protagoras”, o pensador inglês já defendia a necessidade de se repensar a tradicional forma como vem sendo contada a história da filosofia, com especial acento no século de Platão e Aristóteles, como se o século IV fosse uma espécie de evolução do século precedente. Quando, na verdade, bem ao estilo nietzschiano, Schiller procura mostrar que era na época de Protágoras que se desenvolveu mais intensamente uma educação liberal e democrática, uma vez que a retórica paulatinamente havia sido deslocada da margem ao centro da cultura, rompendo com uma postura metafísica, fundacionalista e religiosa alicerçada no chamado “mito do dado” e da objetividade do mundo que reclama para si uma verdade definitiva tanto nas ciências e na filosofia como na política e na maneira de conduzir a vida em sociedade, de tal forma que, pautados nesta suposta verdade, seria legítima a imposição violenta, se necessário for, a todos os recalitrantes. Pelo contrário, no chamado “Século de Péricles” havia uma compreensão não-marginal do papel da retórica e de sua função na educação dos jovens e na vida da polis. Neste contexto, as diferentes soluções para os

---

<sup>32</sup> Schiller, V. From Plato to Protagoras. London and New York: Macmillan, 1907. O autor procura desenvolver um humanismo sofístico e pragmatista, tendo recebido mais tarde interessantes interpretações tanto de W. James como de J. Dewey. V. também Mailloux. Rhetoric, Sophistry, Pragmatism. Cambridge University Press, 1995. p.3

<sup>33</sup> Journal de Débats, october 19, 1907.

<sup>34</sup> James. The meaning of truth. Cambridge, Mass and London. Harvad University Press, 1975. p.113, *in verbis*: “each individual man is the mesure of things”.

<sup>35</sup> Sills *et alii*. The philosophy of discourse: the rhetorical turn in twentieth-century thought. Heineman Educational Books, 1992

<sup>36</sup> Op. Cit. 1907

problemas apenas são válidas adstritas a contextos específicos, frutos diretos de ampla negociação argumentativa a respeito do que é considerado melhor e mais interessante para todos os interlocutores, o que reforça e vincula a retórica aos ideais democráticos. Como diz Schiller:

A discussão (sobre pensamento antigo) é disposta com uma certa unidade como se os filósofos antigos pudessem ser agrupados em torno dos problemas apresentados na gênese, crescimento, interrupção e no declínio da ciência grega e seus resultados vão colocar Platão como a principal fonte do intelectualismo. Sua vitória sobre Protágoras, como o sofista era um grande obstáculo para a ciência, seu fracasso em dar conta da verdade em relação a função do conceito e da natureza da Verdade, como o flagelo secreto que vicia toda a filosofia subsequente. Hoje temos no retorno para uma visão humana e sincera do conhecimento, tal como defendia Protágoras, a garantia mais segura do progresso da filosofia.<sup>37</sup>

A argumentação de Schiller se centra na máxima de Protágoras segundo a qual o homem é a medida de todas as coisas, máxima igualmente reclamada por James, e que deveria, segundo o pensador inglês, ser sempre interpretada num sentido dúbio, como uma aplicação direta do princípio “*disso logoi*” também do sofista grego. Ora o homem a que se refere a máxima é o indivíduo (*truth as claim*), ora é a própria humanidade (*truth as validity*). Neste sentido, a “medida” ou “*metron*” de tudo que existe ou é subjetiva, restrita à percepção daquele que postula algo enquanto algo, ou objetiva, no sentido de que é passível de ser aceita por todos os que arguem. E é nesta intersecção que Schiller parece encontrar ao mesmo tempo a retórica e o pragmatismo ou ainda um humanismo sofisticado pragmatista, uma vez que, dentre as muitas percepções subjetivas possíveis (*truths as claim*), são mais defensáveis as que estiverem mais a serviço do grupo<sup>38</sup> (*truths as validity*), daí Mailloux dizer que “*o caráter pragmático da verdade, sua validade e utilidade, vêm à tona e se completa pela política retórica da sociedade*”<sup>39</sup>. Assim, a crítica ao relativismo sofista/pragmático e seu caráter contraditório implícito (já que se tudo é relativo não haveria como justificar a própria defesa do relativismo) seria superada pelo critério da empregabilidade social das teses postuladas.

Mas, num primeiro momento, o vínculo pressuposto por Schiller entre persuasão e empregabilidade social (*serviceable*) e, por conseguinte, entre retórica e pragmatismo, precisa ser melhor pensado aqui, já que não é nem óbvio nem não-problemático. Não é à toa que Mailloux fala da raridade de trabalhos que vinculem as duas tradições<sup>40</sup>. Caberia, então, distinguir persuasão de convencimento e como uma pode ocorrer independentemente daquele outro.

---

<sup>37</sup> Schiller. Op.Cit.p.49

<sup>38</sup> Schiller. Op.Cit.p.144. V. também Mailloux. Op. Cit. p.11

<sup>39</sup> Idem. p.11

<sup>40</sup> Ibidem.p.2, *in verbis*: “Apesar do enorme crescimento de publicações sobre retórica, sobre pragmatismo e, mais recentemente, sobre sofística grega, tem se tido muito pouca discussão da relação entre o pragmatismo Americano e a retórica grega”



Propomo-nos chamar de persuasiva a uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e chamar convincente àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional. O matiz é bastante delicado e depende, essencialmente, da ideia que o orador faz da encarnação da razão. Cada homem crê num conjunto de fatos, de verdades que todo homem normal deve, segundo ele, aceitar, porque são válidos para todo ser racional. Mas será realmente assim? Essa pretensão a uma validade absoluta para qualquer auditório composto de seres racionais não será exorbitante?<sup>41</sup>

Tentando esclarecer um pouco mais, pode-se dizer que o universo retórico consiste na relação que se dá entre um rector e seu auditório. O primeiro, procurando obter a disposição para ouvir do segundo, precisa se adaptar às suas premissas que são tão variáveis como os próprios auditórios. A saída, na história da filosofia a partir de Platão, foi pressupor que, entre mentes racionalmente competentes, haveria um leque de premissas comuns, ou postulados, a partir dos quais construir-se-iam ou, ao menos, poderiam ser construídos discursos objetivos e válidos para todos, o que relativizaria a própria necessidade de adaptação do rector ao seu auditório. Valoriza-se, desta forma, o convencimento, que apenas depende da coerência e cogência do raciocínio, e despreza-se a persuasão. É a morte da retórica e o advento da metafísica. O fim da ambiguidade. O problema parece ancorar-se na ausência de unanimidade entre as supostas teses objetivas, ou seja, válidas para todos os auditórios independentemente de consideração pelas premissas particulares de cada um. Seja no campo das ciências, da epistemologia, da ética, do direito, da política, etc, o que se vê, mais recentemente, é uma série de postulações dialetizarem entre si, advogando, cada qual, em favor de uma suposta verdade definitiva. O Pluralismo inafastável das ideias contemporâneas apenas sinaliza ou aponta para a impossibilidade de se querer soluções para todos os tempos e lugares. Assim, em sintonia com estas constatações, há hodiernamente uma redignificação da persuasão que se dá quando o rector, não visando apenas o convencimento lógico do auditor, mas intentando sua atitude efetiva em um contexto concreto, se usa, além das provas argumentativas, que Aristóteles chamava de *logoi*, das chamadas provas afetivas que podem melhor mobilizar um auditório específico e fazer com que ele faça algo pretendido pelo orador. Como ensina ainda Perelman: “*para quem se preocupa com o resultado, persuadir é mais do que convencer, pois, a convicção não passa da primeira fase que leva à ação*”<sup>42</sup>. Ou seja, pode-se convencer alguém, mas nada garante que aquele que está convicto vai agir desta ou daquela forma. Perelman cita o exemplo daquele que está convencido de que mastigar rápido pode fazer mal à digestão, mas, ainda assim, não deixa de fazê-lo

---

<sup>41</sup> Perelman. Tratado da Argumentação. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 2002. P.31

<sup>42</sup> Idem.p.30

para poupar tempo<sup>43</sup>. Isto é, a persuasão é indissociável da ação efetiva. O persuadido age necessariamente em conformidade com ela. Aquele que foi apenas convencido pode até estar convicto de que de fato a tese do rector é a melhor, mas age de forma distinta por motivos pessoais e afetivos, como birra, ciúme ou implicância. Feito este esclarecimento, caberia aqui perguntar novamente pela relação evocada por Schiller entre persuasão e empregabilidade, a partir da qual o mesmo procura inferir a relação entre pragmatismo e retórica.

Segundo Peirce, *pensar já é alguma forma de ação e raciocinar, uma forma de ação deliberativa*<sup>44</sup>. Acompanhando suas ponderações, podemos dizer que todo pensamento e toda reflexão, na medida em que se configura o que Perelman chama de deliberação consigo mesmo<sup>45</sup>, já é, mesmo antes de ser externado para outrem, uma ação que visa a um fim, no caso, a persuasão de si mesmo ou a busca do melhor argumento. Já que as razões usadas na deliberação íntima e secreta são as mesmas ponderadas publicamente. Isso atesta, o mais originariamente quanto se possa pensar, que, como queria Peirce, pensamento é ação e que, portanto, todo esforço reflexivo-persuasivo está comprometido ou se vincula a uma prática. Alguns casos concretos talvez possam ajudar nesta reflexão (e ajudar na persuasão do auditor/leitor): é fácil mostrar, por exemplo, que a persuasão intentada pela publicidade está intimamente vinculada à funcionalidade do produto ou eficácia do serviço. Assim, o que se procura vender obtém maior sucesso e, portanto, é mais persuasivo porque mais funcional. Mas tal raciocínio pode ser estendido a outros campos? O critério do que deve ser feito, em geral, de operações cirúrgicas, financeiras ou simplesmente se se deve ou não cortar a grama, perpassa a questão de como e quando fazê-lo e a resposta parece, ainda assim, estar vinculada, também nestes casos, à previsão dos melhores resultados. Mesmo o defensor de alguma teoria ética vinculada ao dever, independente dos contextos concretos, as chamadas “éticas do dever”, pode ser persuadido a mudar de idéia quando, através da técnica retórica da *extensão*, situações concretas imprevistas forem evocadas, revelando a incompatibilidade da aplicação de uma determinada norma<sup>46</sup> a um determinado contexto. Com isso, podemos concluir com Schiller que o carácter persuasivo de uma tese é tanto mais efetivo quanto mais socialmente empregável? E que a antiga tradição retórica está implicitamente relacionada com o recente pragmatismo?

---

<sup>43</sup> Idem. P.31

<sup>44</sup> Peirce, Charles Sanders. A definition of pragmatism in *The Writings of Charles S. Peirce. A Chronological Edition*. Comp. by the editors of the Peirce Edition Project. Bloomington: Indiana University Press, 1982. p.57

<sup>45</sup> Op.Cit. p.45

<sup>46</sup> V. Perelman. *Tratado da Argumentação*. Trad. Maria Ermentina Galvão. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 2002. p.230. Para o autor belga/polonês, um dos meios mais eficazes para a explicitação de incompatibilidade entre a aplicação cega do dever e as consequências desta aplicação é a extensão.

Talvez seria mais conclusivo e determinante se a própria dúvida a respeito desta interconexão entre persuasão e empregabilidade for ela mesma mais persuasiva porque mais empregável. E não é exatamente o que se procura fazer aqui? Ao que parece, uma tese ainda vinculada à percepção pessoal (truth-claim), para chegar a ser aceita por outros membros do grupo (truth-validity), deve mostrar-se útil de alguma forma, daí Schiller concluir que toda persuasão depende da eficácia pragmática dos argumentos empregados<sup>47</sup>, vinculando, definitivamente, retórica e pragmatismo, ou, como o próprio Schiller chama: pragmatismo retórico.

Ou ainda, aplicando a técnica retórica conhecida como prolepse (*prolepsis*), que consiste em argumentar procurando prever o teor eventual dos possíveis argumentos contrários, pode-se dizer que, qualquer crítica a este vínculo que ainda seja feita no futuro, poderia ser recusada pela aplicação de uma outra técnica retórica, a da retorsão ou uso dos argumentos dos discordantes contra eles mesmos, senão vejamos: o argumento contrário à tese postulada por Schiller, qualquer que seja, só poderá vir à luz se tiver a pretensão de ser persuasivo, caso contrário não seria argumento, mas uma dedução ou uma ameaça violenta<sup>48</sup>, já que nesses dois casos não há persuasão, mas cogência. E se, por conseguinte, é persuasivo é porque o discordante vê ao menos um caso onde não haja o vínculo necessário entre persuasão e empregabilidade e, como parte natural de sua estratégia argumentativa, vai precisar explicitá-lo, mas ao fazê-lo, concomitantemente, estará convocando a empregabilidade como critério de persuasão; na verdade, portanto, ratificando a tese de Schiller. Ou seja, a força persuasiva de um eventual argumento contra residiria e dependeria justamente do vínculo pressuposto contra o qual se insurge. Isto se dá muito em virtude do vínculo que a retórica tem e sempre teve<sup>49</sup> com o fazer fazer ou *movere* dos antigos. Um discurso persuasivo o é tanto mais quanto mais é capaz de mobilizar o auditório a aderir a alguma tese ou a aumentar esta anuência (é o caso do gênero epidíctico<sup>50</sup>), como vimos. Daqui advêm a lição de Schiller segundo a qual “o mundo é plástico”, também comentada e aceita por James<sup>51</sup>, como reflexo contemporâneo do antigo princípio de Protágoras segundo o qual a humanidade é a medida de todas as coisas. Uma vez aceita esta tese, fica mais fácil concluir que cabe à humanidade e tão somente a ela, sem subserviência a nenhuma evidência ou valor transcultural, a escolha das melhores e mais interessantes descrições,

---

<sup>47</sup> Mailloux. Op.Cit. p 12

<sup>48</sup> V. Perelmam. Op. Cit. p.29

<sup>49</sup> A função da arte retórica sempre esteve dividida em *docere, delectare et movere*. V. Cícero. El Orador. Trad. Sanchez Salor. Madrid. Alianza Editorial, 2001. P.47

<sup>50</sup> Aristóteles. Op. Cit. p.32

<sup>51</sup> James, W. Pragmatism and Humanism. In Pragmatism and Other Writings. New York. Penguin Books, 2000. p.106

que dialetizam retórica e argumentativamente entre si, da própria realidade e de nós mesmos e agir segundo esta escolha.

## Conclusão

Assim, neste mesmo sentido, pode-se verificar facilmente que posturas anti-retóricas que postulam algo verdadeiro ou real para além dos consensos históricos, procuram, em última instância, pontos de referência fixos que independam de contextos, o que apenas reflete novas formas do velho platonismo (excludente<sup>52</sup>). Se se tem por meta novas organizações político-sociais cada vez mais includentes e que este fim colimado seja atingido com o mínimo de perturbação, combinando, ao mesmo tempo, projetos e concepções de bens plurais com tratamento e oportunidades iguais para todos, deve-se ter em mente “os melhores usos” ou “os melhores consensos” segundo critérios retóricos/argumentativos. Ou, ainda, antes da preocupação com fundamentos últimos que independam de cultura, dos valores sociais e da época histórica, deve-se perguntar: há algum resultado efetivo no campo teórico, educacional ou político, interessante a ponto de ser passível de ser almejado por todos os que compõem o grupo de auditores dos quais se espera obter a adesão?

## Referências

- APEL. *Transformação da Filosofia: Filosofia, Semiótica, Hermenêutica*. Trad. Paulo Astor Soethe. São Paulo. Ed. Loyola, 2000
- ARISTÓTELES. *Arte Retórica*. Trad. Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo. Edipe, 1959
- BARTHES, Roland. *La Retorica Antica: Alle Origini del Linguaggio letterario e delle Tecniche di Comunicazione*. Trad. Paolo Fabri. Milano. Libri e Grandi Opere, 1972
- CÍCERO, Marco Túlio. *El Orador*. Trad. Sanchez Salor. Madrid. Alianza Editorial, 2001
- \_\_\_\_\_. *De L'Orateur*. Trad. Edmond Courbaud. Paris. Société de Édition “Les Belles Lettres”, 1950
- DUPRÉEL, E. *De la Nécessité*. In: *L'homme et la Rhétorique*. Paris. Méridiens Klincksieck, 1990
- GADAMER, H. “Retórica, Hermenêutica e Crítica da Ideologia”. In: *Verdade e Método*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis. Ed. Vozes, 2002
- \_\_\_\_\_, H. *Verdade e Método*. Vol. II. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis. Ed. Vozes, 2002

---

<sup>52</sup> Segundo Perelman, como vimos na segunda parte deste texto, todo discurso é adaptado a um dado auditório que pode, muitas vezes, ser tido pelo orador/escritor como universal, em virtude das premissas supostamente evidentes de onde parte. Mas conforme nos ensina a história, a própria noção de evidência é ela mesma histórica. O que foi evidente para os antigos é facilmente questionado pelos modernos. A perspectiva platônica que se faz referência aqui é a perspectiva metafísica que parte de algo inquestionável ou indiscutível, enquanto que a tópica e a retórica se restringem ao reino da discutibilidade pós-metafísica e, neste sentido mesmo, pós-humanística. V. Perelman. *O Império Retórico*. 1993. p.172. Ver também Ferraz Jr. 2007. p.338.

- GENETTE, Gérard. La Rhétorique Restreinte. In *Communications* n.16. 1970
- JAMES, W. "Pragmatism and Humanism". In *Pragmatism and Other Writings*. New York. Penguin Books, 2000
- \_\_\_\_\_. Pragmatism: a New Name for some Old Ways of Thinking: The Present Dilemma in Philosophy. In: *Pragmatism and Other Writings*. New York. Penguin Books, 2000
- \_\_\_\_\_. What Pragmatism Means. In: *Pragmatism and Other Writings*. New York. Penguin Group, 2000
- \_\_\_\_\_. *The meaning of truth*. Cambridge, Mass and London. Harvard University Press, 1975
- Journal de Débats, october 19, 1907.
- MAILLOUX, S. *Rhetoric, Sophistry, Pragmatism*. Cambridge University Press, 1995
- NIETZSCHE, F. *Da Retórica*. Trad. Tito Cardoso. Lisboa. Ed. Veja, 1995
- PEIRCE, C.S. *How to make our Ideas Clear*. New York. Vintage Books, 1997
- \_\_\_\_\_. A definition of pragmatism in *The Writings of Charles S. Peirce*. A Chronological Edition. Comp. by the editors of the Peirce Edition Project. Bloomington: Indiana University Press, 1982
- PERELMAN, C. *Tratado da Argumentação*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 2002
- \_\_\_\_\_. De l'Évidence en Métaphysique. In: *Le Champ de l'Argumentation*. Bruxelles. Presses Universitaires de Bruxelles, 1970
- \_\_\_\_\_. *O Império Retórico*. Trad. Rui Grácio. Lisboa. Ed. Asa, 1977
- SCHIAPPA, E. Isocrates's Philosophia and Contemporary Pragmatism. In: *Rhetoric, Sophistry and Pragmatism*. Cambridge University Press, 1995
- \_\_\_\_\_. *Protagoras and Logos: a Study in Greek Philosophy and Rhetoric*. University of South Carolina Press, 1999
- SCHILLER, V. *From Plato to Protagoras*. London and New York: Macmillan, 1907
- SILLS et Alii. *The philosophy of discourse: the rhetorical turn in twentieth-century thought*. Heineman Educational Books, 1992
- VICO, G. *Elementos de Retórica*. Madrid. Editorial Trotta, 2005

Recebido: 28/11/2010  
Aprovado: 6/12/2010